

Empatia Fenomenológica por Edith Stein e Atitude Empática por Carl Rogers: Um Diálogo Possível?

Phenomenological Empathy by Edith Stein and Empathic Attitude by Carl Rogers: A Possible Dialogue?

Ismael Ivan Rockenbach

Università degli Studi di Ferrara, Ferrara, Italia

Vitória Silva Felix

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Sandra Souza da Silva

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Resumo

A empatia tem sido objeto de análise de diferentes autores e correntes teóricas ao longo do tempo. A sua conceituação e o modo como este fenômeno humano se apresenta nas relações intersubjetivas foram postulados por fenomenólogos como Edith Stein, enquanto que autores do campo da psicologia, como Carl Rogers, buscaram descrever a atitude empática na relação psicoterapêutica. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi dialogar entre a conceituação fenomenológica da empatia por Edith Stein e a atitude empática na psicoterapia centrada na pessoa proposta por Carl Rogers, buscando identificar possíveis consensos, interseções e dissensos entre os trabalhos de Stein e Rogers quanto ao tema. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa de revisão narrativa incluindo literatura na língua portuguesa, inglesa e alemã, especialmente a publicação original de um fragmento da tese de doutorado de Stein e outros textos originais posteriores de sua autoria com caráter autobiográfico. O que identificamos esteve muito mais próximo de possíveis consensos do que dissensos. Apesar de partirem de contextos de vida e realidades sociais diferentes, com propósitos científicos diversos, a filósofa e o psicólogo apresentaram, em suas descrições sobre a empatia e seus aspectos correlatos, um roteiro cuja evolução trazia elementos, muitas vezes, ressonantes. Ou seja, ao desenvolverem suas teorias, Stein e Rogers comungaram de percepções sobre a relação empática que podem ser situadas, frequentemente, em linhas confluentes. Contudo, é importante destacar que este ensaio sobre as aproximações teóricas em torno das postulações de Stein e Rogers sobre a empatia não tem como objetivo encerrar o diálogo ao qual se propôs, mas sim abrir espaço para novas e abrangentes reflexões que se proponham a aprofundar o olhar sobre o fenômeno humano da empatia.

Palavras-chave: Empatia; Edith Stein; Carl Rogers.

Abstract

Empathy has been the subject of analysis by different authors and theoretical currents over time. Its conceptualization and the way in which this human phenomenon presents itself in intersubjective relationships were postulated by phenomenologists such as Edith Stein, while authors in the field of psychology, such as Carl Rogers, sought to describe the empathic attitude in the psychotherapeutic relationship. In this context, the objective of this work was to dialogue between the phenomenological conceptualization of empathy by Edith Stein and the empathic attitude in person-centered psychotherapy proposed by Carl Rogers, seeking to identify possible consensus and dissent between the works of Stein and Rogers on the topic. This is a qualitative bibliographic research of narrative review including literature in Portuguese, English and German, especially the original publication of a fragment of Stein's doctoral thesis and other subsequent original texts of his authorship with an autobiographical character. What we identified was much closer to possible consensus than dissent. Despite coming from different life contexts and social realities, with different scientific purposes, the philosopher and the psychologist presented, in their descriptions of empathy and its related aspects, a script whose evolution often brought resonant elements. In other words, when developing their theories, Stein and Rogers shared perceptions about the empathic relationship that can often be situated along confluent lines. However, it is important to highlight that this essay on the theoretical approaches surrounding Stein and Rogers' postulations on empathy does not aim to end the dialogue it proposed, but rather to open space for new and comprehensive reflections that aim to deepen the look at the human phenomenon of empathy.

Keyword: Empathy; Edith Stein; Carl Rogers.

Informações do artigo

Submetido em 25/05/2025

Aprovado em 22/08/2025

Publicado em 15/10/2025



<https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n3.p179-203>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

ROCKENBACH, Ismael Ivan; FELIX, Vitória Silva; SILVA, Sandra Souza da. Empatia Fenomenológica por Edith Stein e Atitude Empática por Carl Rogers: Um Diálogo Possível? *Ágora Filosófica*, Recife, v. 25, n. 3, p. 179-203, set./dez. 2025.

1 INTRODUÇÃO

O termo "empatia" foi cunhado em alemão (*Einfühlung*) no século XIX, segundo relatam diferentes autores (Castro, 2023; Mróz, 2020), ganhando destaque no encontro entre a filosofia estética e o campo emergente da psicologia. Na sua notável dissertação que foi transformada em livro, Robert Vischer¹ introduz, em 1873, a empatia para descrever como percebemos traços de atitudes, humores e emoções nas formas de objetos, tanto móveis quanto estáticos (Castro, 2023).

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o tema da empatia ganhou destaque no campo da fenomenologia, principalmente através dos trabalhos de Edmund Husserl e Edith Stein. Segundo Husserl (2006, apud Barea, 2015, p. 18), "a empatia é uma forma de conhecimento pela qual o ser humano deve reconhecer o outro e suas vivências, até chegar à descrição eidética das vivências puras". Para Stein, na empatia, "presentificamos a vivência do outro, porém não a vivemos como originária, mas sim podemos viver de modo não originário por uma presentificação empatizante da vivência alheia" (*Ibid.*, p. 66).

Posteriormente, tanto na psicologia da personalidade como na psicologia clínica, graças aos trabalhos de Carl Rogers², ser empático passou a ser compreendido e definido como "perceber o quadro de referência interna do outro com precisão e com os componentes emocionais e significados que lhe pertencem como se fosse a própria pessoa, mas sem nunca perder a ótica da condição 'como se'" (Mróz, 2020).

Neste contexto histórico, temos como interesse central para este trabalho o tema da empatia, fundamentando-o no diálogo entre a sua conceituação por Edith Stein e a atitude empática em Carl Rogers, ou, em outras palavras: Como a atitude empática em Carl Rogers dialoga com o conceito filosófico de empatia em Edith Stein?

Conforme Mróz (2020), o estudo de Stein sobre a empatia foi uma nova

¹ VISCHER, R. *Über das optische Formgefühl: Ein Beitrag zur Ästhetik*. Leipzig: Hermann Credner, 1873.

² ROGERS, C. R. Empathic: An unappreciated way of being. *The Counseling Psychologist*, v. 5, n. 2, p. 2-10, 1975.

contribuição para o campo da fenomenologia, mas, mais importante ainda, foi uma resposta a uma exigência interna de analisar a pessoa humana e todas as suas diversas dimensões. A aluna de doutorado de Husserl queria explorar a essência do “eu” e a essência do “outro” como sujeito que nos é dado através da empatia. Stein distingue o “eu puro” (que não tem profundidade) do “eu experimentado na emoção” (tem camadas de diferentes profundidades).

Enquanto fenomenólogos, Husserl e Stein priorizaram um olhar para a estrutura que constitui o sujeito e para a fundamentação filosófica e ontológica da empatia, já a proposta psicológica desenvolvida por Carl Rogers para a prática clínica priorizou um olhar para a singularidade que caracteriza a pessoa e que se atualiza a partir das relações intersubjetivas (Fadda; Cury, 2021).

É neste contexto que consideramos relevante analisar, por meio deste estudo, a relação empática que se estabelece entre o terapeuta e o cliente na psicoterapia rogeriana e os fundamentos fenomenológicos da empatia em Edith Stein. A fenomenóloga Stein procurou se aprofundar no entendimento e na conceituação do que vem a ser empatia na sua forma mais pura e original, enquanto o psicólogo da vertente humanista Carl Rogers desenvolveu uma teoria cujas condições essenciais incluem a atitude empática. Desta forma, como podemos fazer, na atualidade, uma interlocução entre o conceito de empatia em Edith Stein e as vivências que ocorrem na relação psicoterapêutica de base rogeriana entre os “eus” empíricos do terapeuta e do cliente? Quais são as diferenças entre a atitude empática na abordagem centrada na pessoa e a empatia em Edith Stein? Existem pontos de convergência entre a empatia steiniana e a rogeriana? A empatia rogeriana é uma vivência fenomenológica?

O objetivo geral deste estudo foi dialogar entre a conceituação fenomenológica da empatia por Edith Stein e a atitude empática na psicoterapia centrada na pessoa proposta por Carl Rogers. Nesta perspectiva, buscamos identificar os fundamentos fenomenológicos apresentados por Edith Stein na conceituação da empatia, compreender a atitude empática proposta por Carl Rogers, analisar se a empatia proposta por Carl Rogers é fenomenológica, e verificar possíveis consensos/aproximações, dissensos/afastamentos, e interseções entre os trabalhos de Stein e Rogers quanto ao tema da empatia.

1.1 Edith Stein e a conceituação de empatia

Edith Theresa Hedwig Stein foi uma religiosa Carmelita e uma santa da Igreja Católica, a Santa Teresa Benedita da Cruz, da Ordem das Carmelitas Descalças. Filósofa e teóloga alemã nascida judia, em Breslávia, na Baixa Silésia, Polônia, em 1891, que se converteu ao catolicismo. Ela viveu na virada do século XIX para o século XX, percorrendo um longo caminho desde o judaísmo, passando pelo ateísmo, até o catolicismo (Mróz, 2020).

No terreno da fenomenologia, Edith Stein apresentou problemas que raramente apareciam na área de interesse filosófico, pois indicavam o papel da empatia na percepção do “outro”. Ela defendeu a sua tese de doutorado em filosofia (Stein, 1917), dedicada ao problema da empatia como um ato especial de cognição relativo a outro ser humano. Ela o fez em 1916, em Friburgo, na Alemanha, sob a orientação do fundador da fenomenologia, Edmund Husserl (Mróz, 2020).

Stein aprimorou o conceito de empatia elaborado por Husserl ao afirmar que, ainda que possamos perceber a dor do outro, ou mesmo o tom da sua voz e as suas palavras, estes são apenas reflexos da vivência da dor e não podem ser confundidos com a experiência empática do outro. A empatia está, na verdade, na dimensão da nossa experiência sobre a experiência do outro (Fadda; Cury, 2021). Assim, “presentificamos a vivência alheia, não a vivemos de maneira originária, mas podemos vivê-la de modo “não-originário” por meio de uma “presentificação empatizante” dessa vivência do outro” (Schievano, 2019, p. 22).

Para Pacciolla (2018), a empatia compreendida por Stein está quase completamente sintetizada nos construtos atuais de empatia, intimidade e identidade do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Contudo, o tratamento fenomenológico dado por Stein para o problema da empatia se desvincula do esquematismo positivista considerado no DSM-5.

Ainda conforme esse autor (Pacciolla, 2018, p. 143), Stein não pretendia fornecer critérios para o diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais, mas apenas elaborar um caminho para o ego e para nós. Ela estudou empatia (*Einfühlung*) para “esclarecer a fonte fenomenológica do próprio corpo, alma, indivíduo, personalidade espiritual, comunidade social e estrutura comunitária”.

Quando analisamos os fragmentos publicados da tese de doutorado de Stein, a qual teve como título “*Zum Problem der Einfühlung*” (O Problema da Empatia), é possível perceber que a autora inicia com uma descrição cuidadosa daquilo que não é a empatia, ou seja, elementos como fantasia, espera e recordação, refutando e contrariando a doutrina psicologista que foi representada, sobretudo, por Theodor Lipps (Da Costa, 2019).

Para Stein, a empatia é um tipo *sui generis* de atos de vivência em que, diferentemente do que ocorre com a percepção evidente dos fenômenos, não possui o seu objeto diante de si em um dar-se imediato (Da Costa, 2019). Assim, de acordo com Grzibowski (2015),

Há muitos outros aspectos que se apresentam quando a vivência do outro emerge diante do eu, que não pode objetivá-la por meio de uma percepção externa. A empatia se dá como um ato de percepção que considera os fatores da percepção externa e interna numa relação não originária por seu conteúdo, mas que acontece originariamente em meu ser, me puxando para dentro da vivência do Outro, a tal ponto de viver a sua vivência como se fosse minha (Grzibowski, 2015, p. 38).

Para Grzibowski (2015, p. 38), “o esclarecimento do que se entende por vivência originária e não originária no tema da empatia proposto por Stein é muito importante”. Neste aspecto, a própria Edith Stein exemplifica da seguinte maneira:

E enquanto vivo aquela alegria do outro, não sinto nenhuma alegria originária, ela não flui vivamente do meu ego, e também não tem o caráter de ter estado viva alguma vez como alegria lembrada, e menos ainda é apenas fantasiada, sem vida real. Mas este outro sujeito tem originariedade, e, embora eu não experimente essa originariedade, a alegria que flui dele é uma alegria originária, embora eu não a experimente como originária (Stein, 1917, p. 10).

É nesse esforço de buscar perceber e identificar a vivência originária do outro que Stein conceituou a empatia como aquilo que se constitui no instante em que a vivência alheia emerge diante de mim como objeto e diante da qual eu posso me dar conta de tal situação como se fosse propriamente minha, me fazendo sujeito atraído para dentro dessa vivência (Barea, 2015).

Neste contexto, Stein identifica três graus ou níveis de empatia. Em primeiro lugar, percebemos “o surgimento da vivência”. Depois, “a sua

explicitação preenchedora [de sentido]”, quando nos damos conta de que o outro vive uma dor, por exemplo. E, por fim, “a objetivação compreensiva da vivência explicitada”, quando compreendemos a vivência da dor do outro em seu próprio mundo (Stein, 1917, p. 10).

Desta maneira, a empatia nos revela o que é possível em nosso mundo compartilhado. No início, há simplesmente uma consciência do estado emocional do outro, sentida a nível corporal. Essa consciência pode ressoar ou ter significado para nós, abrindo para um segundo nível no qual tentamos explicar o que o outro vivencia. Podemos então nos tornar conscientes de nossos próprios sentimentos, em um mundo fantasiado no qual aquilo que aconteceu para o outro acontece para você, ou para aqueles de quem estamos próximos. A passagem para um terceiro nível exige que retornemos a uma interessada compreensão sobre o outro, no seu mundo. Assim, não ficamos apenas perturbados pelas experiências que causam a sua angústia, mas estamos chateados porque o mundo dele não é como ele pensava que seria. Vemos como ele luta para se ajustar aos riscos, limites e possibilidades que ele não havia previsto, e, através da empatia, o mundo agora muda para nós dois (Wharne, 2022).

Assim, considerando que a empatia para Stein é uma vivência fenomenológica, passamos agora a uma descrição da concepção rogeriana de empatia.

1.2 Carl Rogers e a atitude empática na psicoterapia centrada na pessoa

Carl Ransom Rogers (1902–1987) é considerado o precursor da Psicologia Humanista. Na compreensão de Rogers, a empatia é definida como a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos de outra pessoa. No contexto da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), Rogers considerou a atitude empática como um dos pilares fundamentais para a criação de um ambiente terapêutico propício ao crescimento e autoconhecimento do indivíduo (Fontgalland; Moreira, 2012).

Rogers destacou a importância da atitude empática argumentando que a compreensão empática promove um clima de aceitação incondicional, permitindo que os pacientes se sintam compreendidos e aceitos, o que, por sua

vez, facilita o processo de autoexploração e autoaceitação. Ele enfatizou a importância de os terapeutas cultivarem a empatia genuína, abrindo espaço para uma compreensão profunda das experiências emocionais e dos significados subjetivos atribuídos pelo cliente (Moreira; Torres, 2013).

Na atitude empática, o terapeuta capta com precisão os sentimentos e significados pessoais que a pessoa está vivenciando e comunica essa compreensão à pessoa em uma postura de escuta ativa a qual faz o terapeuta ser capaz de entrar no mundo interno da pessoa e esclarecer não só o que está consciente como também o que se encontra abaixo do nível da consciência (Rogers, 2012).

Do ponto de vista fenomenológico, a capacidade de ser verdadeiramente quem se é já está presente e, nesse sentido, a pessoa desenvolve uma consciência mais ampla de si mesma. Nesse processo interativo, o psicólogo também é impactado (Fadda; Cury, 2021, p. 9). "Se estou verdadeiramente aberto para a maneira pela qual a vida é sentida por outra pessoa – se posso trazer o seu mundo para o meu – corro o risco de ver a vida à sua maneira, de ser modificado" (Rogers, 1977a, p. 108).

Nesse aspecto, é importante ressaltar que os fatores humanos e relacionais têm sido reconhecidos cada vez mais como sendo mais capazes de influenciar os resultados clínicos em psicoterapia se comparados aos fatores específicos, como o conhecimento teórico e racional do terapeuta (Stenzel, 2021). Nessa direção, os postulados de Carl Rogers sobre a empatia como condição essencial na relação psicoterapêutica apontam para a evidência da natureza fenomenológica de sua abordagem, à medida em que a intersubjetividade ocupa um papel central nas repercussões inovadoras da psicoterapia centrada na pessoa (Stenzel; Gomes, 2023).

De fato, para Stenzel e Gomes (2023, p. 3), "as relações entre o pensamento de Rogers e as posições teóricas apresentadas por estudiosos da fenomenologia são confluentes". Porém, é importante dizer também que "as inovações de Rogers não vieram de influências da filosofia fenomenológica, mas da sua vivência clínica" (*ibid.*, p. 3).

Na prática clínica, é comum o cliente expressar pensamentos fragmentados, comentar vários assuntos ou permanecer em silêncio, enquanto o psicólogo procura ter uma compreensão sobre o mundo íntimo do cliente e

compreender o contexto subjacente ao que o cliente está tentando comunicar e vivenciar. Embora o cliente deseje se comunicar, muitas vezes ele não consegue fazê-lo somente por meio da linguagem (Fadda; Cury, 2021). Como observou Rogers (2012), as palavras do cliente podem transmitir uma mensagem, enquanto o tom de voz transmite outra, totalmente distinta. De acordo com Fadda e Cury (2021), diante dessa complexidade, o psicólogo direciona sua atenção para as sensações e percepções subjacentes, esforçando-se para esclarecê-las tanto para si quanto para o cliente. Durante esse processo, o psicólogo pode dirigir questionamentos ao cliente para aprimorar a compreensão da experiência vivida por este, permitindo ao psicólogo aproximar-se do significado do que o cliente está vivenciando, até que ocorra uma compreensão plena da experiência.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa de revisão narrativa como método utilizado na discussão de uma determinada temática que permite estabelecer relações com produções anteriores e apontar novas perspectivas, entretanto sem estabelecer uma metodologia rigorosa que garanta a replicação dos resultados (Vosgerau; Romanowski, 2014, apud Macedocouto; Dias, 2021).

O estudo foi baseado em manuscritos publicados em periódicos indexados nas áreas da psicologia e da filosofia, e dissertações e teses produzidas em programas de pós-graduação das mesmas áreas, disponíveis de forma eletrônica, na base de dados Scielo, no portal Google Acadêmico e em revistas eletrônicas nacionais e internacionais, bem como em livros da literatura brasileira e internacional.

Para as buscas, foram utilizados os seguintes descritores como palavras-chaves: Empatia; Edith Stein; Fenomenologia; Carl Rogers; Atitude empática. Como critério de inclusão foi utilizado o seguinte viés: recortes da literatura na língua portuguesa, inglesa e alemã que estavam focados no tema. Como critério de exclusão foi utilizado o seguinte viés: estudos com conceito de empatia elaborado por outros autores que não sejam Carl Rogers e Edith Stein.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciarmos nosso diálogo, convidamos o leitor a direcionar o seu olhar para as Tabelas 1, 2 e 3, nas quais apresentamos os consensos/aproximações, interseções e dissensos/afastamentos que identificamos entre os trabalhos de Edith Stein e Carl Rogers quanto ao tema da empatia.

Verificamos nas Tabelas uma maior frequência de consensos e equilíbrio entre interseções e dissensos. Desses aspectos apontados, é possível perceber, por exemplo, elementos relacionados ao significado do termo, níveis de classificação e componentes essenciais presentes no fenômeno da empatia. O que se buscou identificar como consensos, ou aproximações, foram os aspectos que apresentam um elevado grau de concordância/uniformidade na compreensão e conceituação sobre empatia entre Stein e Rogers. Como interseções foram consideradas as ideias ou percepções que apresentam algum nível de convergência/confluência, porém, mantém aspectos de distinção entre si. Os dissensos, ou afastamentos, configuram os pontos de diferenciação nas trajetórias pessoal e de construção teórica percorridas por Stein e Rogers. Neste contexto, a partir daqui a discussão seguirá a ordenação de tópicos apresentada dentro das Tabelas.

a) Consensos/aproximações entre os trabalhos de Edith Stein e Carl Rogers quanto ao tema da empatia

Tabela 1. Consensos/aproximações entre os trabalhos de Edith Stein e Carl Rogers quanto ao tema da empatia.

- I. Stein e Rogers consideraram a empatia uma experiência profunda, significativa e fundamental para a compreensão genuína do outro.
- II. Tanto Rogers como Stein despertaram as inspirações fundadoras de suas postulações teóricas através das suas experiências de cuidado com clientes/pacientes.
- III. Stein e Rogers identificaram a necessidade de estabelecer distinções entre

o que seria empatia propriamente dita e outros termos, como simpatia. Dentro disso, consideraram que a empatia implica uma compreensão mais profunda e uma participação mais ativa, enquanto a simpatia é mais uma reação emocional externa às experiências do outro.

IV. Stein e Rogers compreenderam que o processo empatizante é iniciado através da capacidade humana de se dar conta da experiência alheia e colocar-se em contato com esta experiência.

V. Para Stein e Rogers, a incondicionalidade na aceitação do outro foi vista como um componente essencial para o estabelecimento de uma conexão empática.

VI. Stein e Rogers consideraram a intersubjetividade como uma via para estabelecer uma relação empática autêntica e significativa.

VII. Em Stein e Rogers, a relação humana e a empatia são atravessadas pela ética.

I. Quanto ao significado da empatia, tanto Stein quanto Rogers concordam que a empatia é uma experiência profunda e significativa, fundamental para a compreensão genuína do outro. Nesse sentido, Rogers cita a empatia como “essencial para uma relação que provoque o crescimento” (Rogers, 1977a, p. 107). Já “Stein percebe que a empatia necessita do envolvimento de todas as dimensões da pessoa, a corporeidade, a dimensão psíquica e, sobretudo, o espírito³, uma vez que fazem parte de toda e qualquer ação humana” (Cruz, 2018, p. 50).

II. Desde criança até a vida universitária, a vontade de encontrar a verdade acompanhou Stein e a motivou a aprofundar sua busca pela determinação ôntica e ontológica da realidade (Ferreira, 2018). Nos seus escritos sobre a experiência da prestação do serviço hospitalar em Mährisch-Weißkirchen, Stein relatou a experiência de acompanhar pessoas que pareciam estar morrendo pela febre tifóide, e aprender que mesmo ali “não era necessário perder as esperanças” (Stein, 1965, p. 204). Ela descreve detalhes de sua

³ O espírito, para Stein, é “referente à dimensão intelectual, que se abre ao âmbito dos valores, dos sentimentos e da decisão” (Cruz, 2018, p. 33).

relação de empatia com muitos pacientes de diferentes nacionalidades, contato este que a motivava, e experiência esta que atravessou a sua elaboração fenomenológica posterior sobre o problema da empatia. Neste aspecto, podemos notar que tanto Rogers como Stein despertaram as inspirações fundadoras de suas postulações teóricas através das suas experiências de vida com seus clientes/pacientes.

III. Além disso, Rogers e Stein identificaram a necessidade de estabelecer distinções entre o que seria empatia propriamente dita e outros termos que, até então, vinham sendo misturados e causando confusão epistemológica em sua área de investigação. Stein diferenciou a empatia da simpatia, da memória, da expectativa e da fantasia (Stein, 1917). Rogers diferenciou a empatia da simpatia, da intuição e da identificação (Rogers; Kinget, 1977). Assim, tanto Rogers como Stein trabalharam na diferenciação entre empatia e simpatia. A diferença fundamental, de acordo com Stein, está na profundidade da compreensão e na natureza da participação emocional nas experiências do outro. A empatia implica uma compreensão mais profunda e uma participação mais ativa, enquanto a simpatia (*Mitgefühl*) é mais uma reação emocional externa às experiências do outro, na qual a pessoa reconhece e reage aos sentimentos do outro, mas não necessariamente os experimenta como se fossem seus próprios (Stein, 1917).

E, em Rogers, temos que:

A diferença entre a empatia e a simpatia é importante mas difícil de descrever. Estes sentimentos são parecidos enquanto representam, ambos, uma ressonância ao sentimento do outro. No entanto, pelo fato de que a simpatia refere-se essencialmente às emoções, seu campo é mais reduzido que o da empatia, a qual se refere à apreensão dos aspectos tanto cognitivos quanto emocionais da experiência do outro (Rogers; Kinget, 1977, p. 105).

Portanto, Rogers considera que a simpatia pode não envolver uma compreensão profunda da perspectiva do outro, pois a pessoa pode projetar suas próprias experiências e emoções na situação, em vez de verdadeiramente se conectar com a experiência única da outra pessoa, como ocorre na empatia.

Nesse sentido, Rogers apontou também a necessidade de se observar a diferença da compreensão empática e da identificação empática. Para ele,

a compreensão empática consiste na percepção correta do ponto de referência de outra pessoa com as nuances subjetivas e os valores pessoais que lhe são inerentes. Perceber de maneira empática é perceber o mundo subjetivo do outro "como se" fôssemos essa pessoa — sem, contudo, jamais perder de vista que se trata de uma situação análoga, "como se". A capacidade empática implica, pois, em que, por exemplo, se sintam a dor ou o prazer do outro como ele os sente, em que se perceba sua causa como ele a percebe (isto é, em se explicar os sentimentos ou as percepções do outro como ele os explica a si mesmo), sem jamais se esquecer de que estão relacionados às experiências e percepções de outra pessoa. Se esta última condição está ausente, ou deixa de atuar, não se tratará mais de empatia, mas de identificação (Rogers; Kinget, 1977, p. 179).

É nesta direção que Fontgalland e Moreira (2012) alertam que a compreensão empática dos sentimentos do cliente está relacionada às experiências e percepções da outra pessoa, não podendo envolver uma exagerada identificação por parte do terapeuta, para que não prejudique o tratamento. Para essas autoras, “uma identificação ‘descontrolada’ por parte do profissional propiciaria uma confusão dos sentimentos dele e do paciente, corroborando uma identificação emocional” (p. 35).

IV. Ainda, Stein e Rogers compreenderam que o processo empaticizante é iniciado através da capacidade humana de se dar conta da experiência alheia e colocar-se em contato com esta experiência. Ao dedicar uma primeira análise ao termo “percepção exterior” em relação à empatia, Stein caracteriza este termo como sendo

um termo para atos em que o ser e o acontecer concretos espaço-temporais chegam até mim em forma de doação incorporada. Este ser tem a qualidade de estar presente neste preciso momento; vira-se para mim deste ou daquele lado e o lado que se vira para mim está incorporado num sentido específico. Está originariamente presente em comparação com os lados co-percebidos mas evitados (Stein, 1917, p. 5).

Mesmo que a empatia não tenha o caráter de percepção exterior, estes atributos têm algo em comum, conforme explica Stein (1917, p. 5): “em ambos os casos, o próprio objeto está presente aqui e agora”. É neste aspecto que identificamos que a empatia conceituada por Stein contempla o ato inicial de se voltar para a experiência alheia e reconhecê-la como uma realidade distinta da nossa própria, portanto, não originária. É o ponto de partida fundamental para o desenvolvimento da empatia e da compreensão do outro (Stein, 1917).

Voltando-se para a trajetória conceitual percorrida por Rogers, podemos observar que este autor também partiu de uma compreensão da empatia enquanto estado de percepção do outro, quando citava que “consiste em apercebe-se com precisão do quadro de referências interno de outra pessoa, juntamente com os componentes emocionais e os significados a ele pertencentes, como se fôssemos a outra pessoa, sem perder jamais a condição de ‘como se’” (Rogers, 1977b, p. 72), para, posteriormente, descrevê-la como uma condição na relação terapêutica.

V. Ao se lançar um olhar sobre a questão da aceitação incondicional, tanto na conceituação de empatia por Stein quanto na abordagem terapêutica de Rogers, a incondicionalidade na aceitação do outro é vista como um componente essencial para o estabelecimento de uma conexão empática.

Esta conexão pode ser ilustrada no relato de Stein sobre um paciente fazendeiro rico da Eslováquia que, certa vez, no hospital de campanha em Mährisch-Weißkirchen, tinha um grande abscesso na perna, mas, apesar das fortes dores, recusou-se a abrir o abscesso porque tinha medo de cortá-lo. O médico ficou tão irritado que não quis mais ir para o leito deste paciente. Então Stein foi até o paciente uma vez durante o almoço e conversou com ele, com as poucas palavras que conhecia em tcheco e em linguagem de sinais, até que o paciente concordou com a incisão e o médico acabou realizando o procedimento sem contestar a atitude de Edith (Stein, 1965, p. 207).

O movimento de Stein ao encontro da dor do outro e sua abertura para a experiência alheia tal como ela se dá revelam a conexão destes atos pessoais com as suas formulações teóricas posteriores pelas quais Stein funda a relação humana de alteridade através da empatia. Conforme Nunes (2019, p. 119-120), “a noção de alteridade...permite a Stein constituir uma ‘vivência da vivência do outro’, vivência não originária porque não vive em mim, mas no outro, no entanto posso entrar nessa vivência e depois torná-la objeto”. Deste olhar para o outro, enquanto vivência que se abre para a minha presença empática, fica evidenciada a incondicionalidade com a qual Stein considera o ato de aceitação deste outro.

Já em Rogers, podemos perceber uma verdadeira mudança na forma de compreender a práxis da psicologia quanto ao aspecto da aceitação incondicional. Ao não apresentar uma nova técnica para as mesmas finalidades psicoterapêuticas tradicionais, mas reconsiderar as próprias finalidades e

atitudes na prática da psicologia, Rogers traz uma contribuição ética para o campo que representa uma mudança de paradigma. Uma "postura de confiança irrestrita no potencial de cada um para encontrar os melhores caminhos de superação de suas dificuldades" (Amatuzzi, 2012, p. 11). Rogers introduz esta inovação através da atitude empática que se realiza a partir da aceitação incondicional: "É a predisposição enraizada no terapeuta de aceitar a pessoa do cliente da forma como ele se manifesta...É o que Rogers chamava de consideração positiva incondicional" (*Ibid.*, p. 70). Podemos destacar, assim, que "A consideração positiva incondicional, como expressão de um sentimento autêntico, vivido, representa um fenômeno inegavelmente novo no terreno das relações humanas" (Rogers; Kinget, 1977, p. 75) e uma condição para o estabelecimento da conexão empática, em sintonia com a perspectiva steniana no contexto fenomenológico.

VI. Em termos de intersubjetividade, observamos na trajetória tanto de Rogers como de Stein, o reconhecimento da importância de considerar este aspecto no processo empatizante, valorizando, contudo, a singularidade de cada experiência humana. Stein postula que a empatia se distingue de maneira absolutamente singular dos processos intersubjetivos correlatos, uma vez que se desdobra em três fases sobrepostas e nos é concedida não de modo originário, mas sim como uma realização pós-evento, posterior ao ocorrido. Ela argumenta que nossa consciência de nós mesmos não pode ser entendida isoladamente, mas é moldada e formada por meio de nossas interações com os outros. Stein sugere, então, que é na relação com os outros que começamos a entender a nós mesmos como seres conscientes e identificamos as semelhanças e diferenças entre nós e os outros. Através dessas interações intersubjetivas, desenvolvemos a capacidade de reconhecer e compreender as experiências emocionais e mentais dos outros, o que é a base da empatia (Stein, 1917). E, podemos destacar ainda, neste contexto, que "o sujeito que vive o ato empático também se constitui como pessoa, isto é, descobre os estratos mais profundos do seu ser, porque se avalia por comparação ao que vale de mais ou de menos em relação ao outro" (Nunes, 2019, p. 120).

Conforme Cardoso (2012),

Stein afirma que a intersubjetividade é um aspecto essencial da

experiência. Por meio desta característica, é possível enfatizar dois pontos: 1) a intersubjetividade pressupõe a existência de outros sujeitos que também experienciam a realidade; 2) apesar de haver diferenças individuais, é possível chegar a um conteúdo idêntico, referente à mesma realidade (Cardoso, 2012, p. 63).

Rogers também destacou a intersubjetividade como elemento essencial na relação empática e na constituição da noção do eu. Para ele, a visão de homem está alicerçada em uma tendência direcional ao crescimento, à atualização do potencial individual, a partir das vivências com outras pessoas que lhe são significativas. A estruturação do *self* individual é um processo constituído, portanto, a partir das relações com outras pessoas. Rogers via a intersubjetividade como uma via para estabelecer uma relação terapêutica autêntica e significativa entre o terapeuta e o cliente (Rogers, 1997).

VII. Conforme Grzibowski,

no desenvolvimento da investigação sobre o tema da empatia de Stein, é notória a intrínseca relação que se dá com a ética, ao passo que os sujeitos nas relações intersubjetivas são impulsionados a compreender as vivências do Outro, considerando-as como vivência própria, o que leva o sujeito a adotar perspectivas éticas com respeito à alteridade (Grzibowski, 2015, p. 34).

Em Rogers, a visão de ser humano e a atitude empática também estão pautadas em uma ética “que se apoia na percepção de um valor original e único da pessoa [...] e tem repercussões práticas na vida de relações pessoais” (Amatuzzi, 2012, p. 19).

Portanto, tanto em Stein como em Rogers, a relação humana e a empatia são atravessadas pela ética.

b) Interseções entre os trabalhos de Edith Stein e Carl Rogers quanto ao tema da empatia

Tabela 2. Interseções entre os trabalhos de Edith Stein e Carl Rogers quanto ao tema da empatia.

I. Rogers tratou a empatia em termos de um estado e, posteriormente, de um processo. Stein tratou a empatia como processo pelo qual se pode alcançar

um estado de empatia.

II. As formulações de Rogers quanto à empatia não mencionaram diretamente aspectos da filosofia fenomenológica, como no caso de Stein. Porém, ambos priorizaram a vivência do fenômeno para buscar compreendê-lo. Assim, a vivência empática em Rogers é também uma vivência fenomenológica.

I. Rogers atualizou a sua compreensão sobre empatia ao longo do tempo. Inicialmente definida por ele como um estado, mais tarde a empatia foi considerada por Rogers não como um estado, mas mais como um processo, no qual a maneira de ser denominada empática em relação a outra pessoa "significa penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele" (Rogers, 1977b, p. 73). Nessa atualização de sua concepção de empatia, Rogers lançou mão do conceito de vivência para caracterizar que a maneira empática "significa viver temporariamente" a vida do outro, "mover-se delicadamente dentro dela sem julgar, perceber os significados que ele/ela quase não percebe" (*Ibid.*, p. 73).

A mudança na compreensão da empatia por Rogers foi influenciada pelo conceito de experiência apresentado por Eugene Gendlin (1962). Em seu trabalho, Gendlin conceituou a experiência como "processo de sentimento, vivido corpórea e concretamente que constitui a matéria básica do fenômeno psicológico e de personalidade" (Gendlin, 1964, p. 111). Já a empatia, para Gendlin, vai além da simples concordância ou compartilhamento de sentimentos. Envolve uma profunda conexão emocional e uma capacidade de se relacionar com o mundo interno do cliente de uma maneira genuína e compassiva, ressaltando com sensibilidade o significado sentido que o cliente está vivenciando (Messias, 2006).

Para Fontgalland e Moreira (2012), durante o percurso de Rogers como psicoterapeuta, o conceito de "empatia" evoluiu para "compreensão empática". A compreensão empática, como citam estas autoras

consiste em experimentar o que o outro está sentindo dentro de uma condição de 'como se' estivesse no lugar dele, vendo através da perspectiva do cliente, podendo dividir com ele toda essa compreensão, favorecendo o desenvolvimento da personalidade do cliente (Fontgalland; Moreira, 2012, p. 32).

Já na trajetória teórica percorrida por Stein, a empatia foi abordada também enquanto um processo, porém pelo qual se pode alcançar um estado empático. Conforme os escritos de Edith Stein, nossa experiência empática tem origem no outro quando podemos perceber o seu estado emocional. “Esse perceber é importante para chegar à essência do momento empático” (Barea, 2015, p. 72). No entanto, é preciso mais do que uma simples percepção para se alcançar um estado de empatia (Stein, 1917).

II. Stein cita que

Não se descreve completamente a vivência se isto se faz unicamente do lado objetivo, [...] não se pode de fato descrever o lado subjetivo sem tomar em consideração contemporaneamente o seu polo oposto: a objetualidade que diz respeito à vivência (Stein, 2001, p. 46).

Aqui percebemos o esforço que recai sobre o modo fenomenologicamente proposto de acessar o objeto tematizado, pelo qual “teorias e conhecimentos prévios, suposições e presunções do pesquisador dão lugar às experiências de sujeitos que as viveram” (Barreira, 2017, p. 331). E, neste sentido, “de um ponto de vista fenomenológico, ‘o que uma coisa é’ se definirá essencialmente por ‘como ela se mostra’, como ela se manifesta diferentemente de outras coisas com as quais possa se aparentar, assimilar, misturar e confundir” (*Ibid.*).

É preciso, portanto, priorizar a forma como o fenômeno é vivenciado para buscar compreendê-lo. Esta orientação é consistentemente observada também nas descrições de Rogers sobre o jeito empático de estar na relação terapêutica. Em sua evolução do conceito de empatia para ser entendido como um processo de vivência, Rogers encontra um outro notável paralelo com o horizonte da antropologia fenomenológica e seu interesse pelo mundo-da-vida, cujas análises radicais operam, conforme cita Barreira (2017, p. 323), “ancorando-se no território das vivências descoberto por Husserl” e aperfeiçoado por Stein.

Apesar das descrições de Rogers não mencionarem diretamente aspectos da filosofia fenomenológica, como no caso de Stein, Rogers cita que “empatia é ressaltar com sensibilidade o ‘significado sentido’ que o cliente está vivenciando num determinado momento, a fim de ajudá-lo a focalizar este significado até chegar à sua vivência plena e livre” (Rogers, 1977b, p. 72). Para

Rogers, “estar com o outro desta maneira significa deixar de lado, neste momento, nossos próprios pontos de vista e valores, para entrar no mundo do outro sem preconceitos” (*Ibid.*, p. 73).

Por outro lado, ainda observamos na literatura, especialmente no Brasil, que alguns autores não reconhecem os atravessamentos entre a teoria desenvolvida por Rogers na psicologia e a filosofia fenomenológica. Schievano (2019, p. 34) cita que “é um equívoco associar pesquisas e práticas de Rogers à Filosofia Fenomenológica e à Psicologia Fenomenológica de Husserl e Stein, uma vez que o psicólogo estadunidense não se apropriou e nem se utilizou do “método fenomenológico” nas suas investigações científicas e clínicas”. No entanto, segundo Stenzel e Gomes (2023), com quem concordamos, Rogers trouxe inovações fenomenológicas para o campo da psicologia. Segundo estes autores, “a relevância dada a intersubjetividade, a não-diretividade e a abertura à experiência testifica a confluência entre Rogers e o movimento fenomenológico” (*Ibid.*, p. 1).

Ainda, de acordo com Moreira (2010), na fase experiencial, a abordagem clínica de Rogers se assemelha à tradição fenomenológica ao direcionar sua atenção para a experiência intersubjetiva entre cliente e terapeuta, em vez de se concentrar exclusivamente na pessoa. Em outras palavras, ao focar essa experiência compartilhada, Rogers adota uma perspectiva fenomenológica nesta dimensão da prática.

Portanto, a vivência empática em Rogers é também uma vivência fenomenológica.

c) Dissensos/afastamentos entre os trabalhos de Edith Stein e Carl Rogers quanto ao tema da empatia

Tabela 3. Dissensos/afastamentos entre os trabalhos de Edith Stein e Carl Rogers quanto ao tema da empatia.

I. Rogers partiu de suas vivências clínicas como terapeuta, enquanto Stein partiu de sua experiência clínica como enfermeira num contexto hospitalar de guerra.

II. Stein era filósofa e teve influência direta da filosofia fenomenológica de seu orientador Edmund Husserl, enquanto Rogers era psicólogo e não baseou

seus escritos em nenhum filósofo.

III. Stein classifica a empatia em termos de diferentes graus ou níveis. Rogers não define níveis específicos de empatia, mas reconhece que a capacidade empática pode variar entre as pessoas.

I. Quanto aos aspectos que influenciaram a filósofa e o psicólogo ao tratarem do tema da empatia, observamos que Rogers acabou partindo de sua experiência como terapeuta clínico para tratar da empatia como uma vivência, enquanto Stein partiu de um contexto histórico de guerra, vivido por ela na sua época como enfermeira em um hospital de campanha, para conceituar a empatia no âmbito de uma filosofia fenomenológica de influência husserliana. Assim, o trabalho de Stein não estava voltado para um contexto de clínica terapêutica, como no caso de Rogers. Para a fenomenóloga prussiana, o foco era a compreensão geral da empatia como fenômeno humano.

II. Stein, portanto, era filósofa e teve influência direta da filosofia fenomenológica de seu orientador Edmund Husserl, como mencionado ao longo deste trabalho, enquanto Rogers era psicólogo e não baseou seus escritos em nenhum filósofo.

III. Ainda, em Stein, a empatia é classificada em termos de diferentes graus ou níveis e carece de uma capacidade de incorporação pela qual entramos numa versão imaginada do outro, “enfrentando tudo o que ele está vivenciando” (Wharne, 2022, p. 275). “É, portanto, no segundo grau, que a empatia alcança a sua plenitude” (Costantini; Costantini, 2003, p. 50). No terceiro grau, “esta vivência vem objetivada, a saber, volta para mim como objeto correlativo da consciência” (Barea, 2015, p. 73).

Em relação a Rogers, este não definiu níveis específicos de empatia. Ao invés disso, Rogers reconhece que a capacidade empática pode variar entre as pessoas. Alguns indivíduos podem ser naturalmente mais empáticos do que outros, enquanto outros podem desenvolver essa habilidade com o tempo e a prática (Rogers, 1977a; Rogers; Kinget, 1977).

Mesmo que Rogers não tenha definido níveis ou graus de empatia, é relevante apontar que a psicóloga brasileira Maria Constança Villas-Bôas Bowen, amiga, psicoterapeuta e colaboradora de Rogers, concebeu a empatia em três níveis: do relacionamento, da energia e da unidade (Bowen, 1992, apud

Cavalcante, 2008, p. 25). No nível do relacionamento, o conteúdo e os sentimentos que emergem na interação entre cliente e psicoterapeuta são o material primeiro de trabalho. Enquanto o terapeuta cria um espaço de confiança, o cliente explora e manifesta aspectos diversos de si, experienciando suas próprias energias curativas. Espelhando de volta para o cliente o que é percebido na relação, o terapeuta precisa ter muita clareza de seus sentimentos próprios para não alterar a natureza da percepção e nem “agravar as distorções de realidade do próprio cliente”. O que o cliente diz para o terapeuta, as reações do terapeuta e a interação entre cliente e terapeuta são, neste nível, o material a ser trabalhado em psicoterapia.

No nível da energia, a cura pode se dar pela escuta ativa, uma escuta de qualidade muitas vezes subestimada, na qual a *presença plena* do terapeuta pode ser suficiente, sem que o terapeuta tenha que dizer ou fazer alguma coisa. O trabalho no nível da energia pode acontecer nos momentos de silêncio em psicoterapia, abaixo do nível da atenção. Já o uso de meios habilidosos pelo terapeuta, como exercícios espirituais de visualização, de meditação, de sonhos, de mantras e de outros sons, pode ser eficaz no nível da energia em práticas psicoterápicas se não for “somente uma técnica isolada, mas algo que se tornou intrinsecamente parte experiencial da sua vida” (Cavalcante, 2008, p. 26).

No nível da unidade, terapeuta e cliente “compartilham do mesmo mundo ao mesmo tempo” (*Ibid.*), de forma que o dualismo “eu” e “tu” desaparece. “A empatia deixa de ser uma ferramenta que o terapeuta utiliza *com* o cliente e passa a ser *uma realidade compartilhada* que transcende a cada um, individualmente” (*Ibid.*).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi dialogar entre a conceituação fenomenológica da empatia por Edith Stein e a atitude empática na psicoterapia centrada na pessoa proposta por Carl Rogers. Especificamente se buscou identificar os fundamentos fenomenológicos apresentados por Edith Stein na conceituação da empatia; compreender a atitude empática proposta por Carl Rogers; analisar se a empatia proposta por Carl Rogers é fenomenológica; verificar possíveis consensos/aproximações, dissensos/afastamentos, e

interseções entre os trabalhos de Stein e Rogers quanto ao tema da empatia. Tais objetivos foram alcançados na medida em que, em torno dos aspectos conceituais da empatia e da atitude empática na psicoterapia, foram identificados consensos, dissensos e interseções entre os postulados e as práticas do psicólogo e da filósofa. Portanto, em resposta ao questionamento lançado no título deste trabalho, podemos afirmar que o diálogo entre a conceituação fenomenológica da empatia por Edith Stein e a atitude empática na psicoterapia rogeriana não só é possível como também revelou diferentes aspectos de interesse acadêmico e científico.

O que identificamos esteve muito mais próximo de possíveis consensos do que dissensos e interseções. Ao desenvolverem suas teorias, Stein e Rogers comungaram de percepções sobre a relação empática que podem ser situadas, frequentemente, em linhas confluentes. A vivência empática em Rogers é também uma vivência fenomenológica.

Entre os consensos identificados, podemos citar que Stein e Rogers consideraram a profundidade e significância da experiência empática para a compreensão genuína do outro; inspiraram-se no contato com seus pacientes/clientes; compreenderam que o processo empatizante é iniciado através da capacidade humana de se dar conta da experiência alheia e colocar-se em contato com esta experiência; priorizaram a forma como o fenômeno da empatia é vivenciado para buscar compreendê-lo, partindo, portanto, de um enfoque fenomenológico; consideraram a aceitação incondicional como um componente essencial para o estabelecimento de uma conexão empática; reconheceram a importância da intersubjetividade no processo empatizante, valorizando, contudo, a singularidade de cada experiência humana; identificaram a necessidade de estabelecer distinções entre a empatia e outros atributos; e consideraram que a empatia implica uma compreensão mais profunda e uma participação mais ativa, enquanto a simpatia é mais uma reação emocional externa às experiências do outro.

Em outros aspectos, Stein e Rogers seguiram caminhos diferentes. Para Stein, a empatia pode ser classificada em termos de diferentes graus ou níveis, enquanto que Rogers apontou para a variabilidade da capacidade empática entre as pessoas. Já autores pós-rogerianos, como Bowen, conceberam a empatia em diferentes níveis. Além disso, Rogers foi inspirado pela sua

experiência como terapeuta clínico, ao passo que Stein vivenciou a experiência como enfermeira num contexto hospitalar de guerra e teve influência direta da filosofia fenomenológica de seu orientador Edmund Husserl.

Uma limitação para a realização deste estudo foi a impossibilidade de acessar na íntegra as obras de Stein e de alguns outros autores. Contudo, é importante destacar que este ensaio sobre as aproximações teóricas em torno das postulações de Stein e Rogers sobre a empatia não tem como objetivo encerrar o diálogo ao qual se propôs, mas sim abrir espaço para novas e abrangentes reflexões que se proponham a aprofundar o olhar sobre o fenômeno humano da empatia. Nesse sentido, sugerimos novos estudos que possam aprofundar o entendimento da temática em Edith Stein e Carl Rogers, para identificar a diferença entre a empatia e demais construtos costumeiramente confundidos, como percepção e imaginação, para citar alguns. Ademais, questiona-se como se dá o ato empático no contexto relacional: por meio do método indutivo, dedutivo ou intuitivo? O que têm Stein e Rogers a falar sobre isso?

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. *Rogers: ética humanista e psicoterapia*. 2. ed. Campinas: Alínea, 2012.

BAREA, Rudimar. *O tema da empatia em Edith Stein*. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. Análise fenomenológica aplicada à psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica. In: MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017.

CASTRO, Fábio Caprio Leite de. O problema da empatia na fenomenologia da intersubjetividade de Husserl. *Veritas*, Porto Alegre, v. 68, n. 1, p. e44596, 2023. DOI: 10.15448/1984-6746.2023.1.44596. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/44596>

CAVALCANTE, Francisco Silva, Junior. Psicologia humanista experiencial. In: CAVALCANTE, Francisco Silva, Junior; SOUSA, André Feitosa de (org.). *Humanismo de Funcionamento Pleno: Tendência formativa na abordagem centrada na pessoa - ACP*. Campinas: Alínea, 2008.

COSTANTINI, Elio.; COSTANTINI, Erika S. Notizie bibliografiche e Introduzioni.

In: STEIN, E. *Il problema dell'Empatia*. Tradução: Elio Costantini e de Erika Schulze Costantini. Roma: Edizioni Studium, 2003, p. 12-59.

CRUZ, Manuele Porto. *Pessoa, comunidade e empatia em Edith Stein*. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

DA COSTA, Matheus Marques. A empatia em Edith Stein como estratégia de enfrentamento da intolerância. *Território Acadêmico*, n. 1, p. 87-114, 2019.

FADDA, Gisella Mouta; CURY, Vera Engler. O Fenômeno da Intersubjetividade na Relação Psicoterapêutica. *Revista Subjetividades*, v. 21, n. Esp1. Publicado online: 19/06/2021, 2021. DOI: 10.5020/23590777.rs.v21iEsp1.e9445. <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9445>

FERREIRA, Danilo Souza. *Empatia: uma história intelectual de Edith Stein 1891-1942*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

FONTGALLAND; Rebeca Cavalcante; MOREIRA, Virginia. Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers. *Memorandum*, v. 23, p. 32-56, 2012.

GENDLIN, Eugene T. *Experiencing and the creation of meaning*. New York: The Free Press of Glencoe, 1962.

GENDLIN, Eugene T. A theory of personality change. In: WORCHEL, Philip; BYRNE, Donn (eds.). *Personality change* (p. 102-148). New York: John Wiley & Sons, 1964.

GRZIBOWSKI, Silvestre; BAREA, Rudimar. Empatia e ética na fenomenologia de Edith Stein. *Revista Ágora Filosófica*, v. 15, n. 2, p. 34-46, 2015.

MACEDOCOUTO, Graco Silva; DIAS, Pablo Raphael Ribeiro. Psicoterapia de base fenomenológica-existencial frente ao medo e à angústia como tonalidades afetivas no contexto Pandêmico da Covid-19. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 23, n. 2, 2021.

MESSIAS, João Carlos Caselli; CURY, Vera Engler. Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 3, p. 355-361, 2006.

MOREIRA, Virginia. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. *Revista Estudos em Psicologia*, v. 27, n. 4, p. 537-544, 2010.

MRÓZ, Barbara. Scientific work and life of Edith Stein - psychological assumptions of empathy in the light of the problem of ecumenism. *Studia Oecumenica*, n. 20, p. 177-194, 2020. <http://dx.doi.org/10.25167/so.1859>

NUNES, Etelvina Pires Lopes. Constituição do outro e do si mesmo. A partir da Einfühlung em Edith Stein. *Ideas y Valores*, v. 68, n. 171, p. 105-121, 2019.

PACCIOLLA, Aureliano. empathy in todays clinical psychology and in edith stein. *Studia Philosophica et Theologica*, v. 18, n. 2, p. 138-160, 2018.

ROGERS, Carl R. A relação interpessoal: o núcleo da orientação. In: ROGERS, Carl; STEVENS, Barry (eds.). *De pessoa para pessoa: O problema de ser humano, uma nova tendência na psicologia*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1977a.

ROGERS, Carl R. Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática. In: ROGERS, Carl R; ROSENBERG, Rachel L. *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU, 1977b.

ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. *Psicoterapia & relações humanas*. v. 1. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl R. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 2012.

SCHIEVANO, Bruna Alves. *Estudo sobre a Análise Fenomenológica da Empatia de Edith Stein e suas contribuições à Psicologia*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

STEIN, Edith. *Introduzione alla Filosofia*. Tradução: PEZZELLA, A. M. 2. ed. Roma: Città Nuova, 2001. (Originais de 1919-1932, publicação póstuma de 1991). Trecho traduzido por Cristiano R. A. Barreira.

STEIN, Edith. *Zum Problem der Einfühlung*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Hohen Philosophischen Fakultät der Großherzoglich Badischen Albert-Ludwigs-Universität zu Freiburg i.Br. Breslau: Buchdruckerei des Waisenhauses, 1917. Disponível em:

<https://historyofwomenphilosophers.org/wp-content/uploads/2017/06/Stein.-1917.-Zum-Problem-der-Einfu%CC%88hlung.pdf>

STEIN, Edith. Aus dem Lazarettendienst in Mährisch-Weißkirchen. In: *Aus dem Leben einer jüdischen Familie*. Edited by Lucy Gelber; Romaeus Leuven, Louvain, Nauwelaerts, 1965.

STENZEL, Lucia Marques. Habilidades terapêuticas interpessoais: a retomada de Carl Rogers na prática da psicologia baseada em evidências. *Psicologia Clínica*, v. 33, n. 3, p. 557-576, 2021. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n03A09>

STENZEL, Lucia Marques; GOMES, William Barbosa. Perspectiva de segunda pessoa em psicoterapia: as inovações fenomenológicas de Carl Rogers. *Memorandum: memória e história em psicologia*, v. 40, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/39998>

WHARNE, Simon. Trauma, empathy, and resilience: a phenomenological analysis informed by the philosophy of Edith Stein. *The Humanistic Psychologist*, v. 50, n. 2, p. 271–288, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/hum0000202>

DADOS DOS AUTORES

Ismael Ivan Rockenbach

Professor Associado do Departamento de Tecnologia de Alimentos da UFPB. Bacharel em Psicologia/UFPB e em Química Industrial de Alimentos/UNIJUÍ. Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado em Ciência dos Alimentos pela UFSC (2008, 2012, 2013), com estágio de doutoramento na Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn (Uni-Bonn), em Bonn, na Alemanha (2011-2012). Coordena o Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) na UFPB desde 2022, realizando pesquisas interdisciplinares.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8513-5411>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0525691677025775>

E-mail: ismael.rockenbach@gmail.com

Vitória Silva Felix

Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade Federal da Paraíba, linha de pesquisa Intervenções na Clínica Ampliada. Psicóloga Clínica, graduada pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica Existencial (GPEPFE).

ORCIDA: <https://orcid.org/0009-0004-3885-0331>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9838846826546937>

E-mail: vitoriafelix15@gmail.com

Sandra Souza da Silva

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Fez estágio de doutoramento na Universidade Complutense de Madrid? Espanha. É mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba e psicóloga graduada na área Humanista - Existencial pela UFPB. É professora Associada da Universidade Federal da Paraíba do Departamento de Psicologia com Regime de Dedicção Exclusiva e serve como parecerista ad hoc das revistas: The Spanish Journal of Psychology, Psico (PUCRS), Psico-USF, Revista Avaliação Psicológica, Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança, Arquivos Brasileiros de Psicologia, Psicologia: Teoria e Pesquisa, Estudos de Psicologia (Natal), Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial e Revista Psicologia: Organizações e Trabalho. Foi integrante do GT-POT (Grupo de Trabalho em Psicologia Organizacional e do Trabalho) da ANPEPP, de 2008 a 2016. Tem experiência na área de Psicologia Social e Clínica, atuando principalmente nos seguintes temas: fenomenologia, bem-estar subjetivo, valores humanos, Espiritualidade e Saúde e Psicologia Positiva. Foi coordenadora da Clínica-Escola de Psicologia da UFPB entre 2012 e 2014, sendo atualmente vice-coordenadora.

ORCIDA: <https://orcid.org/0000-0002-5555-6722>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5998805114645410>

E-mail: sandra.souza_psi@yahoo.com.br/